



CAMPUS **(DES)** SITUADO

CAMPUS (DES)SITUADO

curadoria **RODRIGO GUÉRON**

28 setembro a 7 outubro 2011
segunda a sexta, 9h às 20h

Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (2011-2012)
Sub-Reitoria de Extensão e Cultura, SR3
Departamento Cultural, Decult
Campus Maracanã / Galeria Gustavo Schnoor, UERJ
Rua São Francisco Xavier 524 . Maracanã . Rio de Janeiro RJ

CATALOGAÇÃO NA FONTE UERJ/REDE SIRIUS/NPROTEC

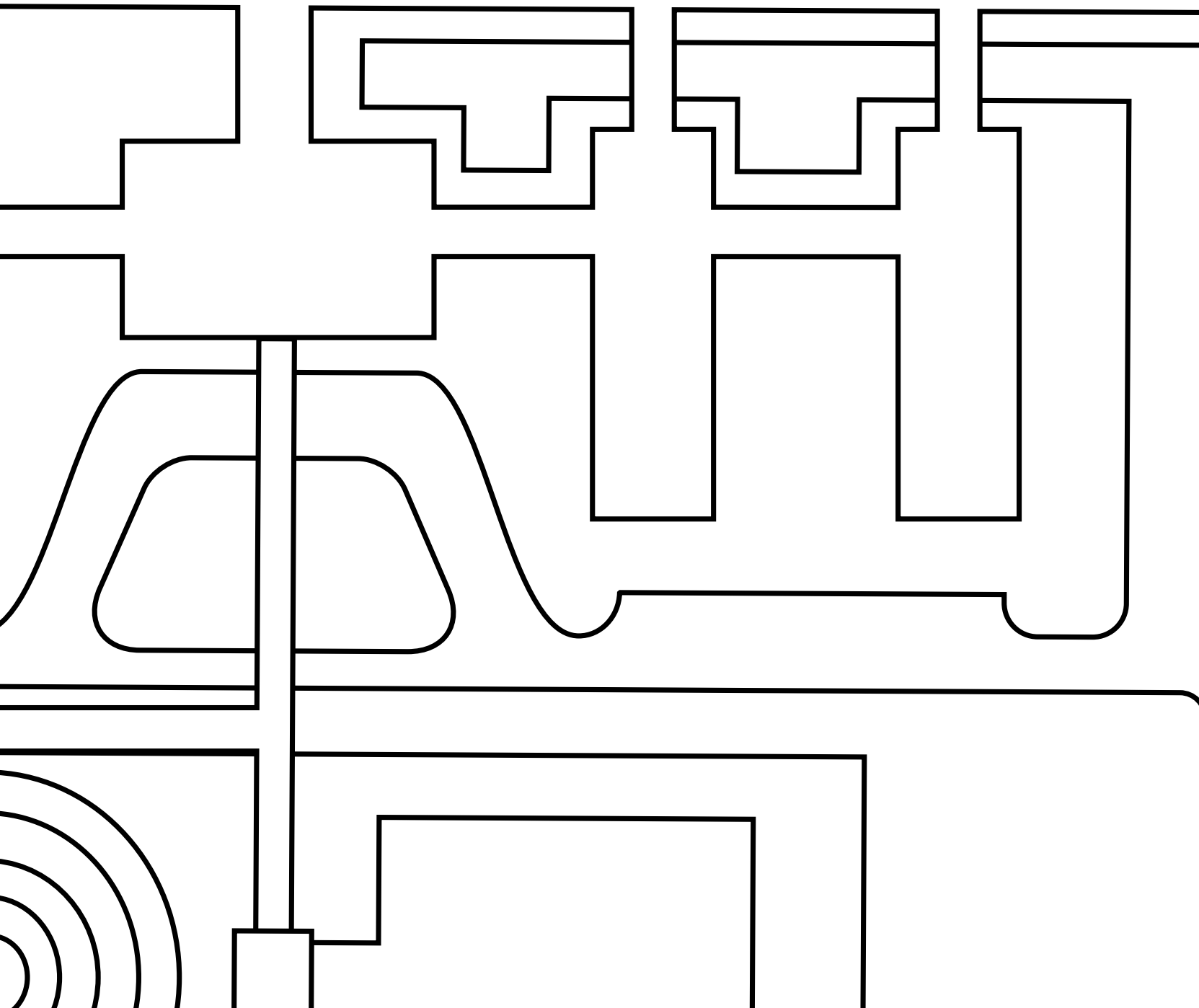
C119 Campus (des)situado / Coletiva dos artistas professores do Instituto de Artes da UERJ ; Curadoria, Rodrigo Guéron. – Rio de Janeiro : UERJ, DECULT, 2011. 32 p. : il.

ISBN 978-85-85954-27-7

Catálogo da exposição realizada no período de 28 de setembro a 7 de outubro de 2011, durante o XX Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas.

1. Arte – Exposições. 2. Professores de arte – Exposições. 3. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Artes – Exposições. I. Guéron, Rodrigo. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Departamento Cultural. III. Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (Brasil). IV. Congresso Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (20. : 2011 : Rio de Janeiro, RJ)

CDU 069.9:7



APRESENTAÇÃO

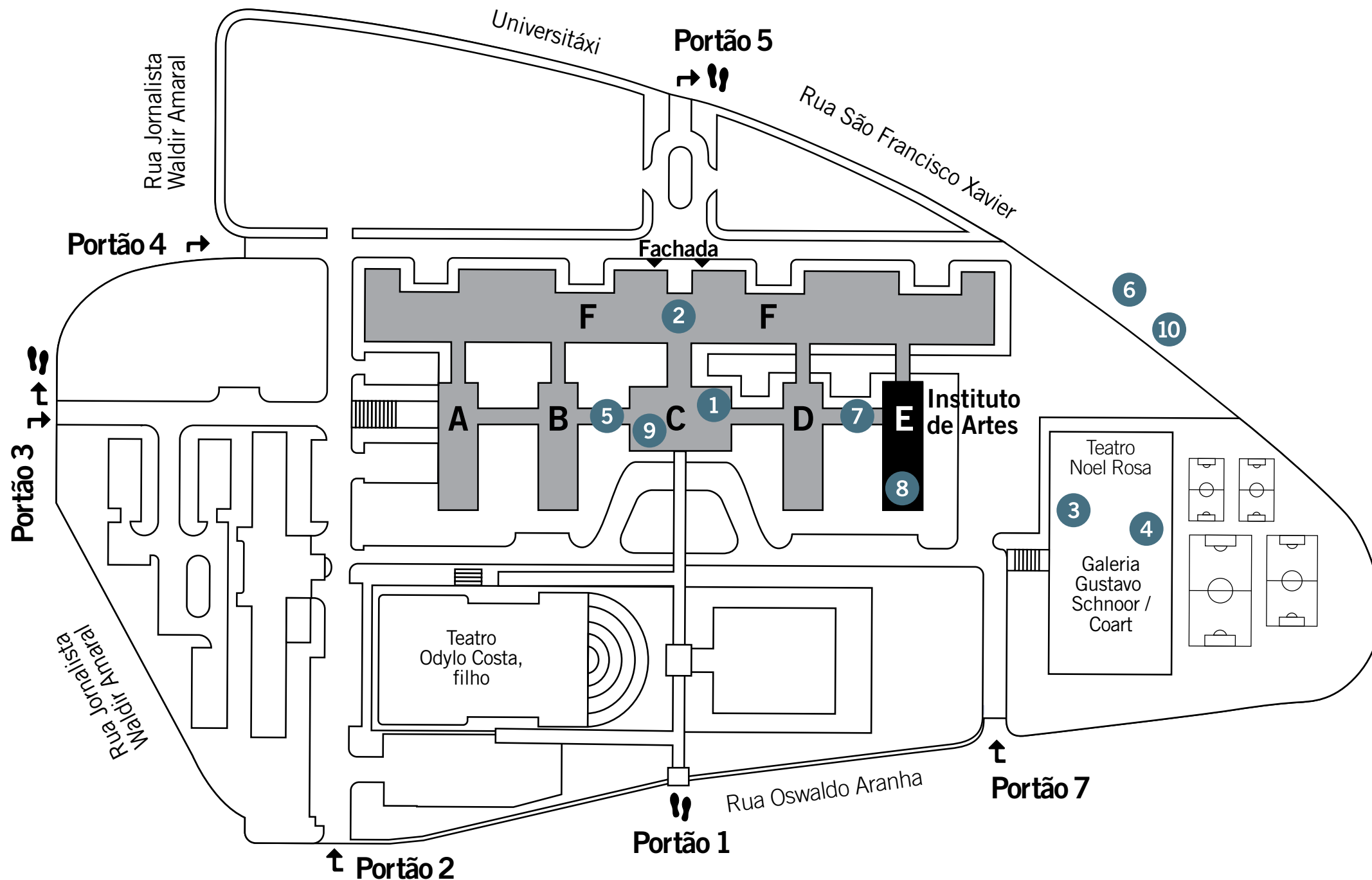
A ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES em artes Plásticas, cujo objetivo principal é contribuir para o desenvolvimento da pesquisa em arte no país, promove como parte de seu 20º Encontro a coletiva *Campus (Des) Situado* com intervenções realizadas por artistas professores do Instituto de Artes da Uerj no Campus Maracanã da Universidade. Com curadoria do professor Rodrigo Guéron, a mostra apresenta trabalhos dos artistas Alexan-

dre Vogler, Cristina Salgado, Ericson Pires, Isabela Frade, Jorge Cruz, Leila Danziger, Luis Andrade, Malu Fatorelli, Regina de Paula e Ricardo Basbaum.

Esperamos que a exposição possa contribuir com o 20º Encontro da Anpap, cujo tema é Subjetividades, utopias e fabulações, fortalecendo iniciativas fabuladoras e subjetivantes na arte contemporânea, o que não deixa de ser um desejo de concretizar as utopias várias e diversas.

SHEILA CABO GERALDO
LUIZ CLÁUDIO DA COSTA

MAPA DO CAMPUS



LOCALIZAÇÃO DOS TRABALHOS DOS ARTISTAS:

- ① Alexandre Vogler *Panorama do Estado da Universidade do Rio de Janeiro* (térreo)
- ② Cristina Salgado *Caixa Sentada* (térreo)
- ③ Isabela Frade *Caosmose – Corpobjeto Relacional* (Coart)
- ④ Jorge Cruz *Performance-Livro: Livro dos Sussurros* (Coart)
- ⑤ Leila Danziger *O Que Desaparece, O Quae Resiste II* (térreo)
- ⑥ Luis Andrade *Hellishshocop* (performance em qualquer lugar ou momento)
- ⑦ Malu Fatorelli *Desenho no Campus 1* (11º andar ao térreo)
- ⑧ Regina de Paula *Sem Título* (11º andar)
- ⑨ Ricardo Basbaum *Identidade/Arquitetura* (térreo)
- ⑩ Ericson Pires *Portas Abertas Geral* (performance em qualquer lugar ou momento)

EXPOSIÇÃO-INTERVENÇÃO

Artistas-professores do Instituto de Artes da UERJ

NÃO É A PRIMEIRA VEZ QUE PRECISO ESCREVER sobre a produção artística que se faz no Instituto de Artes da UERJ, mas é a primeira vez que tenho o prazer de apresentar e falar um pouco sobre meus colegas artistas-professores do Instituto, que aqui estão como artistas expositores. Digo isso porque, se por um lado a novidade deste texto é a própria exposição, isto é, os artistas que são professores em nossa universidade usando este espaço para expor seus trabalhos, por outro sou instigado a falar mais uma vez da própria UERJ na sua singularidade sócio-estética.

Entre Vila Isabel e Mangueira, às margens dos trilhos que vêm da periferia, ao lado do estádio do Maracanã, não muito longe dos túneis que levam às praias da Zona Sul, vemos esse imenso prédio modernista, com suas rampas e passarelas abertas onde confluem pessoas que trabalham nos mais distintos campos dos saberes. Chegar, entrar, trabalhar e viver na UERJ constituem experiências estéticas singulares. O prédio em si mesmo, e sua grande comunidade produtiva num sítio tão estratégico, já são por si só uma intervenção na cidade. Além disso, aqui se percebeu que alterar uma estética social hegemônica, geradora de vidas servis e possibilidades desperdiçadas, potencializa a universidade pela democracia. Por isso, hoje, um passeio pelo campus da UERJ, com suas gentes em suas cores e tipos, suas performances e modos, nos fala de uma multiplicidade antes ausente numa universidade brasileira.

Não se trata de alguma espécie reificação mais ou menos corporativa, mais ou menos estadolatra, da “minha instituição”, mas sem dúvida de um entusiasmo por todo o tipo de produção social que para cá convergiu, fluxos que aqui se encontraram; a criatividade, o pensamento e os saberes, enfim, a produção que a partir destas convergências e encontros puderam e podem acontecer.

Não se trata aqui de nenhuma espécie de reificação mais ou menos corporativa, mais ou menos estadolatra da “minha instituição”, mas, sem dúvida, de um entusiasmo por todo o tipo de produção social que para cá convergiu, fluxos que aqui se encontraram: a criatividade, o pensamento e os saberes, enfim, a produção que a partir destas convergências e encontros puderam e podem acontecer.

Antes, no entanto, quando escrevemos sobre duas exposições de alunos-artistas formandos, estes encontros foram destacados na originalidade das produções que geraram. Naquele caso tínhamos duas formas de experiências estéticas. Primeiro a estética que cada um trazia na constituição de si como um corpo-alma de impressões, de afetos, de participação herdada ou imposta numa determinada partilha do sensível, e de resistências e desejos que daí apareciam. Segundo, a experiência que era do próprio encontro, ou do lugar do encontro, ou seja, a novidade que a vida na escola de arte e na universidade, fisicamente, espacialmente, geograficamente e, digamos, “antropologicamente”, representou: novas impressões, novas sensações, novos

curadoria
RODRIGO GUÉRON

estímulos que foram povoando e transformado a cada um.

Pode-se dizer que no caso dos professores-artistas este processo, de alguma maneira, também aconteceu, mesmo que não possamos deixar de considerar as particularidades de quem o vivencia neste lugar contraditório de saber-poder que é o do “professor”. Contudo, esta exposição traz uma novidade, a saber, o campus Maracanã da UERJ é o espaço de sua realização: ela é uma exposição-intervenção. Isto significa dizer que o campus constitui uma espécie de “estética” anterior: “pré-estética” da estética dos trabalhos da exposição. A estética que nasce destes cruzamentos e encontros dispõe-se agora em objeto, em meio, em território, em campo de batalha para os artistas. É estética que se dobra – refletindo, intervindo, deformando, sublinhando e interrompendo – sobre a estética.

A arte é aqui, então, não só uma busca para produzir o extraordinário no ordinário, mas também a descoberta do extraordinário no ordinário. Em outros termos, a arte como um acontecimento afetivo, sensorial e perceptivo, em meio a um mundo onde afetos, sensações e percepções se constituem numa espécie de “doxa”: de senso comum dominante. A arte, portanto, atua rompendo as experiências estéticas majoritárias e hegemônicas que funcionam como esquemas sensório-motores e limites afetivos que nos submetem.

Esta é o que poderíamos chamar de “linha-gem” da arte contemporânea. Temos então expo-

sição a chance de desfazer alguns mal entendidos que surgem em torno dela, já que estamos intervindo numa comunidade imensa e diversa

Uma certa opinião corrente, ajudada por um pensamento conservador sobre a arte que às vezes prefere a estratégia de engendrar preconceitos em vez de construir argumentações, costuma dizer que para a arte contemporânea “tudo é arte”, e assim, de certa forma, não teríamos mais arte. Os artistas contemporâneos são, nesta lógica, responsabilizados por uma suposta “morte da arte”. A arte para além da arte, no entanto, surgida no limite da crise do modernismo – mas originada deste, de suas vanguardas e do rompimento com a noção de autonomia da obra de arte – foi em parte uma necessidade da própria arte, uma necessidade dela para consigo mesmo. Mas foi, principalmente, uma pressão do mundo que seguia tanto produzindo e criando, quanto se destruindo e padecendo, ou seja, seguia acontecendo esteticamente a despeito do que artistas, críticos, acadêmicos e suas instituições decidiam ser ou não arte.

Na verdade, a percepção e a produção do extraordinário não é nada simples, e não exclui – ao contrário inclui potencializando – nenhum fazer e nenhuma forma de expressão artística tradicional. Mas os artistas têm seus aliados, seu precursores, todo um povo da rua – e das casas, das oficinas, das instituições, dos corpos e dos cérebros – que são já antes o que os artistas gostariam de ser; a ponto de tantas vezes ser saudavelmente indiscernível o limite entre a arte e a não arte.

As resistências a uma estética majoritária, a uma partilha do sensível hegemônica e triunfante, não param de acontecer. As formas de escapar aos condicionamentos sensório-motores e a todas as operações biopolíticas do Capital e do Estado dão-se antes mesmo que alguém possa planejar, teorizar ou conceitualizar. O que escapa é vontade de arte, é trabalho vivo, é a estética que está na invenção da vida e do socius. Arte há porque cada um, e todos nós, pode sempre ser – ou quase sempre é – assediado por todos os lados pelas contraforças da vida, pelas afecções da anti-produção. Arte há porque a resistência, antes de qualquer programa político, de qualquer manifesto de vanguarda, de qualquer carta de intenções estética é, com o perdão da expressão, ontológica. Poder-se-ia dizer que é na resistência que o ser se afirma e se expande. Há quem diga, no entanto, que resistência ainda é pouco, e que criamos mesmo é na revolta e na revolução.

A arte, em termos contemporâneos, potencializa este movimento, descobre e sublinha onde ele se encontra, ou pode mesmo ter a felicidade de, em algum momento e em algum lugar, (re)começá-lo. Por isso, para compensar o início do texto – talvez triunfante demais sobre a universidade e omissão em relação aos seus aparelhos institucionais, suas estruturas de saber-poder e as contradições de seus espaços psico-geográficos, como diriam os situacionistas – somos instigados a nos deter um pouco para um exercício estético liberador: um ato político. Como as imagens dos olhos do falcão, produzi-

das e trazidas por Alexandre Vogler, que vêm nove vezes mais que os olhos humanos, devemos ver, e experimentar, as estruturas a fundo; como o diagrama de Ricardo Basbaum que se mostra em meio aos fluxos condicionados dos corpos no hall dos elevadores, outra formatação espacial-conceitual-poética da universidade, delirantemente lúcida, apresenta as suas possibilidades; ou ainda como na gratuidade da linha de Malu Fatorelli, sutileza e leveza surgem em meio ao concreto racional e duro do prédio da UERJ.

Os exemplos se seguem um a um, estão nas páginas deste catálogo e, é lógico, espalhados pelo campus. Há sempre, de alguma forma, um abalo na rotina estética, uma interrupção e uma distorção sensorial em cada um deles. A rotina de trabalho/estudo da universidade não é exatamente interrompida, mas estremecida, distorcida. Somos instigados a nos deter, a desviar, a olhar para uma direção que jamais olhamos, a pensar no que não pensamos, ver e escutar o que normalmente não vemos e escutamos, a experimentar o inusitado, ou a descobrir o absurdo da sensação supostamente normal; entramos em fluxo e criamos também, e podemos até entrar em contato físico com o que nunca nos relacionamos.

Intervenções no campus para que este não apenas se (des) situe, mas para que sejamos nós também (des) situados e (res) situados, e a própria universidade (des) situada e (res) situada, para cada um de nós e para a cidade. ●

1

ALEXANDRE VOGLER

TRABALHO COMPOSTO POR FALCÃO E SISTEMA de monitoramento. Prevê o sobrevôo monitorado de um falcão pelo complexo da UERJ (2009-2011).

Situado no “queijo”, um monitor exibe a tela dividida em 4 planos, como as TVs de sistemas de segurança, veiculando imagens do sobrevôo da ave – desde as da câmera situada em seu corpo até planos do pássaro em voo.

Estima-se que o falcão tem a visão nove vezes melhor que a dos seres humanos. É capaz de localizar, com precisão sua vítima, a 40 metros de distância. No campo da subjetividade é um animal coberto

de forte simbolismo que se conecta tanto ao poder, e a hierarquia medieval, quanto ao imaginário da Feitiçaria.

A UERJ tem estrutura de Estado. Tem campus, prefeito, administração hierarquizada, teatro, igreja e a população de uma pequena cidade. Tem política, burocracia, servidor público e privado.

A gestão desse “estado” é monitorado pela lente ultra-sensível do Falcão. Mais que alusão ao controle e a onipresença do Estado, a alegoria do falcão estima a revelação daquilo que não pode ser visto na superfície.

Panorama do Estado da Universidade do Rio de Janeiro.



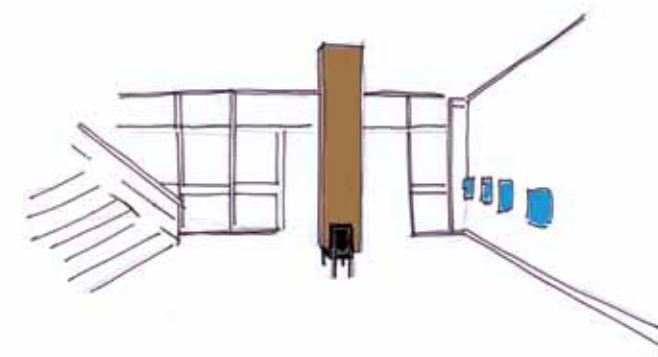
2

CRISTINA SALGADO

CAIXA SENTADA COMPARTILHA DE UMA CERTA qualidade com uma certa parcela da produção visual: a de não existir sem a relação com o significado – ainda que, bem entendido, este jamais se desvele totalmente; que sempre escape, como um sonho quando se deseja colocá-lo em palavras (ou como um peixe molhado quando se tenta agarrá-lo). De fato, parece que é mesmo nessa recusa a ser apreendido que se inclui parte de seu conteúdo infinito. O nome dessa qualidade que Caixa possui, e que compartilha com certas companhias, é imagem. Caixa sentada possui uma imagem fundadora. A imagem vem do significado, responde a ele (esse amor idealizado), o tem como seu protótipo oculto, ou presta-lhe contas

depois de concluída, ou ainda, deve a ele seu próprio processo de surgimento. A imagem encarnada, visível e matérica, é elaborada por meio de linguagem abstrata, fundada e orientada por sua significação, e não é de modo algum naturalista. Aliás, sua maior graça, no sentido mais pleno do termo, está no modo como se dá a negação do naturalismo, como essa negação aparece na prestação de contas da relação entre o significante visual e o inapreensível significado, do qual só a imagem chega mais perto (e com o qual se mistura às vezes, quando a graça é imensa). Mas a maior graça de todas, também no sentido mais pleno do termo, é a ilusão de que é assim mesmo que as coisas se dão.

Caixa Sentada.



cunhas para pressionar
contra o teto



Caixa de madeira
medindo cerca de
2,60m (h) x 60cm x 20cm,
pressionada entre o teto
e a cadeira.
Preenchimento com
material emborrachado,
preso por parafusos.

cadeira
preta,
(tipo de escritório)

3

ISABELA FRADE



Caosmose – Corpobjeto Relacional.

4

JORGE CRUZ

O QUE É ESTE LIVRO SOBRE O QUAL NOS DEBRUÇAMOS e quais são os seus limites? Bernadette Panek anota que “a forma livro na sua concepção tradicional exhibe um conjunto de folhas de papel, de igual tamanho, folhas geralmente impressas e unidas entre si de modo a estabelecer um volume, cuja função é transmitir um conteúdo literário”. Mas Júlio Plaza afirma que “se o livro impõe limites físicos, formais e técnicos fixados pela tradição, também impõe uma leitura e uma lógica do discurso em linguagem escrita e direta que pode, no entanto, ser substituída pela analogia da montagem” (1982). A intenção aqui é fazer uma experiência de livro destacada da forma reconhecida,

não para superá-la, mas para afirmá-la (como se ela precisasse...), como se houvesse fronteiras entre uma e outra forma de ler e/ou de escrever um livro, afinal são sempre livros! Ambas são leituras! Nos propomos, então, a fazer um livro. Cabe destacar, por fim, que a performance- livro nasceu da experiência do corpo, não das palavras, nem da leitura, como um livro. É uma forma de subverter “a natureza inanimada do manuscrito literário”, o volume da estante, e configurando-o no espaço, no som e em uma duração, segundos e minutos, se esgarça em séries intensivas que atuam pelos sentidos: visão, audição, olfato e... gesto.

Performance-Livro: Livro dos Sussuros.



5

LEILA DANZIGER

O VÍDEO PARTE DA OBSERVAÇÃO DA MÍDIA israelense, entre os meses de janeiro a junho de 2011, mas possui também como contraponto o olhar sobre a orla de Tel Aviv, tomada como plataforma de convivência entre cidadãos israelenses judeus e cidadãos israelenses árabes.

Da série: O Que Desaparece, O Que Resiste II.



⑥

LUIS ANDRADE

A PROPOSTA TEM PRECEDENTES: CONCEBIDA para o ano de 2002, extendendo-se em direção ao infinito, foi cogitada para ser Rradial. Nunca veio a ser. A experiência compreende a utilização de uma aeronave, um helicóptero, na realização de uma ação. Hell... ish: cop. Investido plenamente de seus recursos tecnológicos, compactação, shape e signi-

ficado, o helicóptero será utilizado para a função de um flaneurismo aéreo, em torno do campus do Maracanã, um dos cinco campi da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A obra acontece na justa co-incidência do real com o próprio real... A fricção mais próxima. Sem metáforas. Sem toque imediato. Sem dúvidas. Só torque... Simples assim.

Hellisshcop (2002-2011).



7

MALU FATORELLI

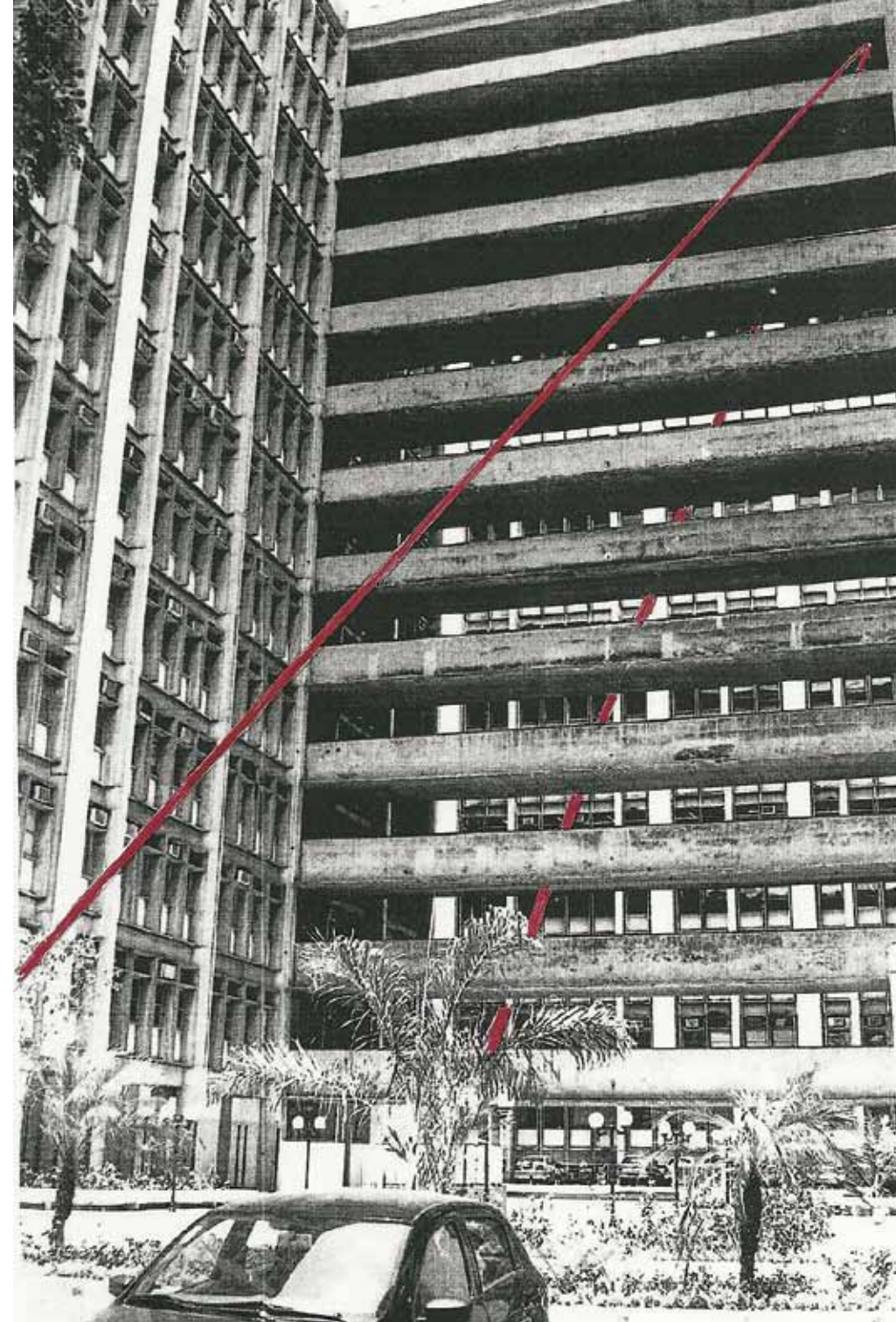
O TRABALHO DESENHO NO CAMPUS É UMA proposição no âmbito do projeto *Arquitetura de Artista: a construção de poéticas contemporâneas*.

Trata-se de um desenho no espaço na escala de 1:1 em relação ao edifício do Campus Maracanã. Uma “linha” de cento e vinte metros de comprimento terá seu ponto de inflexão no décimo primeiro andar do bloco E, na entrada do Instituto de Artes. Esta linha no espaço “desenha” tridimensionalmente, de um lado, uma diagonal estendida do IART até a base do bloco D, do outro, traça uma ligação entre o Iart e o Decult atravessando a altura dos 11 andares, sendo ancorada na parede externa do Departamento Cultural. O trabalho pretende tornar “visível” uma relação simbólica entre o IART,

diferentes institutos e o Departamento Cultural. Ao olharmos o desenho de frente para a praça recém inaugurada entre os blocos D e E, veremos uma linha contínua e outra tracejada, por trás das passarelas, que remete a códigos gráficos do desenho de arquitetura.

A pesquisa em artes agencia diferentes campos do conhecimento. Entre matéria, imagem e conceito a arte contemporânea tenciona fronteiras dos saberes acadêmicos para tecer diálogos e “deslocar” pontos de vista. Ao percorrer o Campus, novas visibilidades são propostas pela interferência da linha do “desenho” que localiza o Instituto de Artes e sugere um estranhamento na percepção do espaço cotidiano da arquitetura do Campus da UERJ.

Desenho no Campus 1.



8

REGINA DE PAULA

**...DAÍ, A DÚVIDA:
O EXTERIOR É DE FATO EXTERIOR?**

Sami-Ali

Corredor com portas que não são saídas. Já não é mais possível voltar, o olhar para trás já não mais reconhece o caminho. Neste lugar, nem se volta nem se vai. Os ruídos não indicam direção. Parece que vêm dali e depois surgem daqui. Não resta senão aceitar, ficar.

Só há um caminho. Logo, não há opção – e isso parece não fazer diferença. Já foi dito, não se volta. Adiante, abre-se a porta. Sobe, desce e nunca acaba.

Ouvem-se passos, provavelmente os próprios passos, apenas. É bom andar rápido e não olhar para trás. O medo petrifica. O isolamento é tão cinematograficamente real que reconcilia aquele que passa com a própria existência.

Sem Título.



9

RICARDO BASBAUM

NO HALL DOS ELEVADORES, A ESPERA É ANSIOSA: alunos, professores, funcionários e visitantes que rem subir pelo edifício, aceder às suas salas, laboratórios, auditórios, correr rumo aos encontros e atividades. Ir ao terceiro andar, ao quinto, sexto, oitavo, décimo-primeiro, etc. Nos horários de maior movimento, frequentemente fica-se na fila, até o momento culminante de chegar ao andar de destino. Mas...

Cada um dos andares da universidade teve sua funcionalidade subvertida e passou a ser ocupado pela densidade conceitual própria do discurso da arte contemporânea. O que pode acontecer...? Tomado por nova identidade radicalmente transformacional, o edifício apresentará outro funcionamento, modificando para sempre os deslocamentos de todos os que passam por ali – diariamente.

Ascensorista: “Rumo aos ciclos descontínuos!”



10

ERICSON PIRES

ABRIR VINTE PORTAS REAIS OU IMAGINÁRIAS EM torno e ao longo de todo o campus. Abrir as portas como gesto performático, como ação de arte liberadora, como evento de liberação das energias de circulação social presentes. Gesto de ressocialização dos espaços esquecidos, inúteis ou raros, através e/ou como ato de integração das múltiplas

formas de estar e habitar o campus - outros modos de habitar. Cada pessoa recebrá um mapa com os apontamentos dos locais das portas. Cada porta terá um performer (alunos do curso de Performance 2011.1) que realizarão algum tipo de ação no local. Cada trajeto: uma invenção, uma experiência. Portas Abertas. Todas as portas. Abrir.

Portas Abertas Geral.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Reitor | RICARDO VIEIRALVES DE CASTRO
Vice-Reitora | MARIA CHRISTINA MAIOLI
Sub-Reitora de Extensão e Cultura | REGINA HENRIQUES

Prefeito do Campus | IVAIR LOPES MACHADO

DEPARTAMENTO CULTURAL
Diretor | RICARDO GOMES LIMA
Coordenadora de Exposições | CÁSCIA FRADE

INSTITUTO DE ARTES
Diretor | ROBERTO CONDURU
Vice-Diretora | VERA BEATRIZ SIQUEIRA

Curadoria
RODRIGO GUÉRON | ART/UERJ

Projeto Gráfico
LYGIA SANTIAGO

Comunicação Social
MARGARETH DIAS, RAFAEL NACIF
PAULINE SUAREZ, PEDRO CAVALCANTE (Bolsistas)

Iluminação
WILIAN SALES, ADRIANO PINTOR

Equipe Técnico-Administrativa
ALEXANDER DE SOUZA, ANDRÉ CARVALHO,
ANDRÉ RUFFIER, LIZA COSTA, PAULO MORAES

Assistência de Produção
ANA BEATRIZ CASCARDO,
GUSTAVO CORRÊA, SALETE PENA

Apoio a Montagem

Bolsistas Departamento Cultural
ANA CAROLINA MAIA, ANA CAROLINA MENDONÇA,
ANA PAULA MARTINS, ANDIARA PEREIRA, EDUARDO PINHO,
ÉRICA CASTILHO, HAYSSA TOSTES LEAL,
JOSÉ ANTÔNIO CASTLILLERO, OLÍVIA AMARAL LUNA

Bolsistas Instituto de Artes
CAMILA UCHOA, CRISTIANE DINIZ, FABRÍCIO GABRIEL,
FRANCIANE JUNQUEIRA, ISABELLE VALENTE, MABELI SANTFER,
RENÉ GAERTNER, RODRIGO DO BEM PEREZ

Agradecimentos
IVAIR LOPES MACHADO | Prefeitura do Campus
REGINA HENRIQUES | SR3
RICARDO GOMES LIMA | Decult

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS

DIRETORIA ANPAP - BIÊNIO 2011-2012
Presidente | SHEILA CABO GERALDO | ART/UERJ
Vice-Presidente | LUIZ CLÁUDIO DA COSTA | ART/UERJ
1º Secretário | LUIZ SÉRGIO DA CRUZ DE OLIVEIRA | IACS/UFF
2º Secretária | CHRISTINE PIRES NELSON DE MELLO | MAV/FASM
1º Tesoureiro | MAURÍCIUS MARTINS FARINA | IAR/UNICAMP
2º Tesoureira | MARIA LUIZA GUIMARÃES FRAGOSO | EBA/UFRRJ

PARCERIA



REALIZAÇÃO

